

**PROCESSO CRIATIVO – CORPORALIDADE E CORPORIFICAÇÃO – EM
POÉTICAS: RESISTÊNCIA E CONFRONT(AÇÃO)¹**

**CREATIVE PROCESS - CORPORALITY AND CORPORATION - IN POETICS:
RESISTANCE AND CONFRONT (ACTION)**

Rafael Matheus Moreira Monteiro / UFPA

RESUMO

A Comunicação busca refletir acerca dos processos de criação em Artes Visuais, como forma de resistência contra a Transfobia, Travestifobia e Homofobia tendo como referência a pesquisa em Artes Visuais, a partir do processo criativo – *Corporalidade e Corporificação* – poéticas do autor expressadas em duas séries de pinturas produzidas em 2017 e 2018. O projeto adotou a metodologia de pesquisa etnográfica, com trabalho de campo e observação participante junto ao grupo de travestis na Rodovia BR 316, Km 2, buscando compreender as questões sociais e pessoais relativas à Disforia de Gênero, como fonte de expressão artística e “Confront(Ações)” pela igualdade de gêneros na sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Processo Criativo; Artes Visuais; Disforia de Gênero.

ABSTRACT

*The Communication seeks to reflect on the processes of creation in Visual Arts, as a form of resistance against Transphobia, Travestiphobia and Homophobia, having as reference the research in Visual Arts, from the creative process - *Corporality and Corporification* - author poetics expressed in two series of paintings produced in 2017 and 2018. The project adopted the methodology of ethnographic research, with field work and participant observation with the group of transvestites in Rodovia BR 316, Km 2, seeking to understand the social and personal issues related to Gender Dysphoria, as a source of artistic expression in the "Confront (Actions)" for gender equality in today's society.*

KEYWORDS: Creative process; Visual arts; Gender Dysphoria.

Introdução

Na atualidade, a questão de *gênero* em nossa sociedade é um dos temas em constante discussão nas mídias e nos diversos segmentos sociais. E na “linha de frente” nesta luta por rever os papéis e identidades sexuais na sociedade estão as reivindicações de várias pessoas transexuais, travestis e transgêneros, que exigem seus direitos e que sejam tratados como iguais e respeitados pela sociedade. Este trabalho surge das minhas vivências, experimentações e reflexões do fazer artístico, como forma de “resistência e confront(Ação)”, ligado às questões sociais referentes a *identidade de gênero* no contemporâneo. Tem como finalidade dar visibilidade para a causa de travestis, transexuais e transgêneros (TTT's) através do ato político do fazer artístico e da circulação dessas Obras/Imagens/Narrativas.

A primeira parte deste artigo aborda as motivações da minha trajetória como artista/pesquisador, que me interligam com questões relacionadas ao corpo e ao desejo sexual. Enquanto que a segunda parte apresenta os meios que constituem minhas experimentações e processos criativos na elaboração das obras.

O corpo como matéria-prima da inspiração

Santaella (1995) sintetiza de forma impecável essa minha relação e poética com o corpo. Não é o sexo em si que me move, nem é o gozo de prazer, mas sim a dor, o fogo de desejar alguém. E, aparentemente, esse desejar alguém sexualmente nunca foi algo tão simples como se parece.

Nada é mais erótico do que as cavidades, lábios, sulcos, fendas, as curvas para dentro do corpo. Mas só o são porque a imaginação as veste do desejo. E desejo é aquilo que não sai das bordas. Para além delas, o real assombra (ALMEIDA apud SANTAELLA, 1995, p. 76).

Primeiramente, o que é o corpo? Algo essencialmente biológico? Uma ideia ou conceito? Um texto ou uma palavra? É necessário compreender primeiramente que o conhecimento do corpo, conforme aponta Meyer e Soares (apud SANT'ANNA, 2013, p. 5), “é por excelência histórico, relacionado aos receios e sonhos de cada época, cultura e grupo social”.

E trabalhar com este pressuposto nos ajuda a compreender melhor tanto as formas de exploração que homens e mulheres empregam em seus corpos quanto da valorização que tornam o corpo e a sexualidade uma entidade tão importante na contemporaneidade. Se o meu corpo é ligado com o tempo e com a cultura da

sociedade em que vivo, é óbvio que os códigos e valores morais deste tempo/cultura/sociedade vão ter influência direta na forma como me relaciono com meu corpo e com o corpo do outro. Em séculos de “evolução” no pensamento ocidental, o corpo, com todos os seus desejos, taras e perversões continua sendo um dos maiores tabus do nosso tempo.

E é nesse contexto que minha poética como artista plástico/visual se insere, entre as tensões que envolvem o corpo, o desejo e a sexualidade. Desde 2017, venho trabalhando dentro deste eixo temático, com a questão da disforia de gênero em minhas obras. Aqui, o desejo vem não apenas pelo corpo do outro, mas também esse desejo transpassa pela minha necessidade de despertar o desejo no outro com um corpo que foi (re)modelado através dos processos de corporalidade e corporificação. O corpo, o sexo biológico, não dita a forma como devemos nos identificar como masculino ou feminino, hoje em dia, estes são vistos como conceitos em fluxo, não fixos. A forma como nos relacionamos com nossos corpos depende dos nossos gostos, taras, desejos, sendo esse corpo uma extensão, um reflexo da subjetividade da personalidade de cada um.

Porém, essa ação/busca/processo de (re)modelamento dos corpos na atualidade se choca com uma série de valores morais ainda bastante cristalizados:

A sociedade e a cultura ocidentais, lato sensu, têm buscado investir de forma mais incisiva, desde o séc. XVIII, em certa “coerência e continuidade entre sexo-gênero-sexualidade”, o que sustenta a constituição e legitimação de uma forma normal de vida em sociedade cuja base seria a família (mononuclear moderna). Esta, por sua vez, se sustenta sobre a reprodução sexual [e social] e, conseqüentemente, sobre a heterossexualidade. Pode se dizer, então, que esta forma específica de articulação entre corpo, gênero e sexualidade não é natural e nem universal, mas sim inteligível e operante no interior de redes de poder que a definem e que permitem que ela funcione como tal (MEYER, 2009, p. 219, grifo do autor).

Essa reprodução e naturalização de um padrão normativo que relaciona sexo-gênero-sexualidade é a principal responsável pela discriminação, violência e exclusão social que milhares de pessoas transexuais sofrem continuamente, não só neste estado ou país, mas em todo o mundo.

É em meio às tensões deste contexto social/ideológico que surge a minha produção artística, um fazer voltado para questionar certos valores sociais. Segundo Stuart Hall (1992, p. 12), identidade(s), é aquilo que me “costura” com certo grupo ou contexto social, é quando eu me vejo no outro. Desse modo, eu me identifico com essas questões às quais relaciono ao meu corpo, buscando trazer em meu trabalho todas as vivências, reflexões e narrativas para sensibilizar o outro que entra em contato com a minha obra.

Processo criativo em Artes Plásticas/Visuais como forma de confront(Ação) e resistência

Segundo Jacques Aumont (1990, p.15) “A visão efetiva das imagens realiza-se multiplamente em um contexto determinado: contexto social, contexto institucional, contexto técnico, contexto ideológico.” Toda imagem vista por um espectador é uma visão com o olhar daquele tempo/espço. Quando o artista cria, ele também está sujeito ao seu contexto social/ideológico/técnico etc., pois ele também é fruto de um determinado momento histórico. Logo, não consigo ver minha produção desligada do meu contexto social/histórico. Em mim, a arte retrata corpos, construídos social e historicamente, corpos que são tabus, que incomodam e suscitam questões.

Uma grande inspiração do meu trabalho vem justamente de um artista e meu contemporâneo, Eder Oliveira, que nas suas pinturas em grandes escalas retrata os marginais que são tão presentes na cidade Belém e no estado do Pará. Tanto que me identifico com as obras de Oliveira, pois sei que aqueles rostos tão comuns nas páginas policiais e telejornais locais, narram uma triste história do nosso cotidiano. Elas nos fazem refletir sobre a violência, o medo de ser abordado por um daqueles rostos retratados em algum lugar de nossas ruas e becos. Assim, Eder Oliveira retrata em suas obras as pessoas, um grupo do seu contexto histórico/social.

Através das minhas experiências de vida e experimentações com a pesquisa em arte, surgem duas séries distintas que abordam este tema da disforia de gênero. A primeira é um tríptico composto por três obras que tratam sobre a questão da transexualidade, ou seja, como meu corpo se relaciona com o espelho. O segundo trabalho é composto por seis retratos das travestis que se prostituem nas noites da Rodovia BR 360 - Km 2. A seguir, aprofundarei as reflexões acerca do processo de criação, reflexão e leitura destas obras.

A Descoberta do Estranho/Corporalidade e Corporificação/Gênesis

Estes trabalhos surgem a partir de uma extensa consulta aos materiais bibliográficos, documentários, obras literárias e cinematográficas. Até então, eu tinha toda a informação sobre o que seria a disforia de gênero, mas ainda não possuía uma real vivência deste processo de corporalidade e corporificação. Entendendo-se como corporalidade “experiência que reúne afetividades, hábitos vivências, que são inscritas nesses corpos (re)moldados, nestes corpos vividos.” (FIGUEIREDO apud MALUF, 2002, p. 1), enquanto que o processo de corporificação corresponde ao processo de (re)modelamento dos corpos em uma busca por uma adequação identitária.

Então, ao me utilizar da pesquisa etnográfica² como metodologia da minha pesquisa, passo a me colocar no lugar do objeto de estudo, a me olhar no espelho do meu quarto e questionar, a indagar sobre meu corpo. Durante meses eu experimento “brincar” com meu gênero, deixo meu cabelo crescer, me visto como garota e sinto prazer em ser desejado e tratado como mulher. Eu já não me via mais como um “estranho” falando sobre um assunto fora da minha realidade. Em quase um ano da minha vida, aquela foi a minha realidade, foi uma vivência.

De certa forma, pude me sentir como o objeto do meu estudo podia se sentir – a dor de querer um corpo que melhor me represente; a angústia em ser um “meio termo” com as perguntas das crianças “mas você é homem ou mulher?”; o olhar de estranheza dos adultos, alguns olhares curiosos, outros olhares de desejo, como se aquele corpo não passasse de um fetiche sexual em ter alguma relação gostosa de ser escondida ou gostosa por ser “errada”. Na verdade, a travesti/transsexual é vista apenas como um objeto sexual, diversão, descartável. E eu realmente me senti mal com aquilo, em saber que as pessoas com disforia de gênero passam por tudo isso, os dilemas, os conflitos interiores e o peso de ser tratada como uma “coisa”: “isso é homem ou mulher?”; “por que você não pode ser normal?”; “mostra o cuzinho pra mim gata?” (Grifo do autor).

Acho que foi essencial passar esse tempo experimentando o processo de corporalidade e corporificação, para ter uma melhor compreensão do que eu estava querendo fazer, o que queria expressar na pintura, no meu processo como artista. Foi neste processo de pesquisa que varias questões foram levantadas, não apenas por mim, mas também pelas pessoas com quem estive em contato, criando tensões,

trazendo “ConfrontAções” para aqueles que estiveram em contato comigo neste momento: O que é o masculino, o que é o feminino?

A Descoberta do Estranho

Pintura intitulada de “A descoberta do estranho”, 2017 (Figura 1), produzida na técnica óleo sobre tela. A Dimensões do suporte se apresenta na forma retangular, no formato de 90x60cm. Destacam-se como elementos estruturantes da obra: os elementos visuais, a forma e a mancha de cor.



Figura 1: Rafael Moreira: A descoberta do estranho, 2017.
 Técnica: óleo sobre tela – Dimensões: 90x60cm.

A pintura apresenta uma figura humana com características andróginas, que tem sua imagem modificada no espelho em que se olha. A figura principal encontra-se em um quarto feminino, com a parede rosa e a imagem refletida no espelho encontra-se em um quarto masculino, com parede azul.

A composição do quadro distribui os elementos da pintura de acordo com a técnica de composição: secção dourada ou número de ouro. Onde o ponto de maior atração visual na tela seria o “topo das costas” da figura andrógina, ressaltando este gesto de desconforto diante do espelho e a repulsa das duas imagens. A paleta de cores utilizadas é bastante variada, em que foram empregados vários tons de rosa para

representar a parede do quarto feminino e tons azuis para representar a parede do quarto refletido no espelho. O piso foi pintado em tons cinzentos e as figuras humanas em vários tons de ocre e bege.

Como o próprio nome diz, “A descoberta do estranho” é uma obra que se refere ao momento da descoberta que toda transexual e transgênero passa em sua vida. É o momento em que ela se olha no espelho e afirma “este não é meu corpo”. Esta descoberta geralmente acontece ainda na infância, justificando a presença de elementos lúdicos infantis na tela, e é uma sensação de extremo desconforto e estranhamento; é algo que causa repulsa nessas pessoas que acreditam estar em um corpo que não é o seu. Esta sensação foi estudada por Freud (1919) e nomeada de *Das Unheimliche*, cuja tradução para o português significa *O inquietante/O Estranho*. Segundo Freud (1919), explicando aqui, grosso modo, que a palavra *Unheimlich* vem do sentido oposto de *Heimlich* (familiar/conhecido), pode-se concluir que sempre atrás de algo aparentemente incompreensível ou atemorizante se esconde algo familiar, muito conhecido. Para que algo seja inquietante, não basta que ele seja diferente do convencional, mas que tenha sido algo anteriormente familiar.

Logo, a experiência que estas pessoas transexuais e transgêneros vivem é bastante similar à sensação estudada por Freud, onde essa pessoa descobre que sua mente esta presa em um corpo *Estranho*.

Corporalidade e corporificação

Pintura intitulada de “corporalidade e corporificação”, 2017 (Figura 2), produzida na técnica óleo sobre tela. A Dimensões do suporte se apresenta na forma retangular, no formato de 50x60cm. Destacam-se como elementos estruturantes da obra os elementos visuais, forma e a mancha de cor.



Figura 2: Rafael Moreira: Corporalidade e corporificação, 2017
Técnica: óleo sobre tela – Dimensões: 50x60cm.

A pintura apresenta um quarto cor de rosa onde a figura principal da obra anterior esta “pixelada”. Ela fita o espelho que reflete um corpo; ela vê seu próprio corpo que busca soluções, formas de se representar. A linha aqui toma a forma de uma mulher, as borboletas transformam-se em criaturas híbridas e fantásticas; o rosto deformado da transexual Verônica Bolina é mostrado sem censuras; seu corpo, seus seios são pixelados, escondidos, censurados.

A composição do quadro distribui os elementos da pintura na diagonal da tela, onde o maior peso visual está distribuído na parte diagonal inferior da obra. A paleta de cores utilizadas se assemelha às cores da obra anterior, com maior presença de cores quentes e cromáticas, sob o fundo de cores baixas, ressaltando as figuras principais.

É através deste processo de ressignificação e remodelamento dos corpos de transgêneros e transexuais que essas pessoas vão buscar “corrigir sua deficiência”. Agora com este corpo remodelado e ressignificado esta pessoa vai poder encarar o espelho e vai se reconhecer e através desta imagem especular, este sujeito passa a sentir-se enquanto ser no mundo, é uma forma de “concretizar” sua existência e mostrar para o mundo o seu “verdadeiro eu”. Porém, este corpo será censurado, irão tentar silenciar, ate mesmo com violência física, esta expressividade que vai contra as crenças e valores da maioria.

Gênesis

Pintura intitulada de “Gênesis”, 2017 (Figura 3), produzida na técnica óleo sobre tela e espelho. A Dimensões do suporte se apresenta na forma retangular, no formato de 90x60cm. Destacam-se como elementos estruturantes da obra, os elementos visuais, forma e a mancha de cor.

A pintura apresenta o mesmo quarto da obra “A descoberta do estranho”, completamente desarrumado e desordenado. A figura humana presente nas outras duas obras está pintada sobre o suporte espelho, sendo o espelho colado na tela em vários cacos, dando a ideia de violência.

A composição do quadro distribui os elementos da pintura de acordo com a forma de uma letra, no caso a letra L invertida. A paleta de cores utilizadas apresenta tons de rosa e cinzas acromáticos no fundo, com tons de ocre e bege para retratar a figura principal despedaçada.



Figura 3: Rafael Moreira: Gênesis, 2017;
Técnica: óleo sobre tela e espelho – Dimensões: 90x60cm.

O título da obra “Genesis” me remete a duas referências principais: primeiro, ao livro bíblico, de onde muitas de nossas crenças têm origem, como católicos brasileiros; segundo, a ideia de reprodução. O espelho, suporte utilizado na obra, tem como definição um objeto que reproduz os elementos que o defrontam sem lhes pensar. Ao olhar para o espelho eu vejo o corpo que o outro vê – que os olhos veem, mas aquilo que se reflete do espelho talvez não seja a minha verdade.

Nesta obra eu trabalho com um conceito de espelho social: o que é um preconceito? É uma predefinição concebida sem visão crítica, muitas vezes reproduzida de geração para geração. E quem são essas pessoas que reproduzem preconceitos? Sou eu, é você, somos todos nós que olhamos este espelho – nós reproduzimos estas crenças, costumes e preconceitos: “azul é cor de meninos, rosa cor de meninas”. Mas isso não significa que esses preconceitos não possam ser quebrados. A ideia de cacos de espelho pode significar tanto esse rompimento com a imagem refletida, negação ou quebra de um preconceito, como também o tema da violência, a transfobia.

Na obra em si, fiz questão de ter a referência de um caso real de violência contra uma mulher transexual, no caso, a “trans” Verônica Bolina, também retratada nas outras duas obras.

Estes trabalhos foram apresentados e premiados no “XXVI Salão de Arte Primeiros Passos CCBEU-BELÉM”, em dezembro de 2017 (Figura 4).

Na *performance* – eu me “montei” – e expressei no ato performático o que eu queria passar nas obras, mostrei-me como mulher travesti e pude representar todas aquelas de quem as obras falavam, as que são excluídas por vários dispositivos de violência e exclusão que as deixa à margem, por não se encaixarem em um padrão dito como “normal”. Aqui, a representação (através dos elementos visuais nas obras, através do meu corpo travestido) funcionou como um importante ato de resistência contra os mecanismos de violência, os preconceitos em que a travesti apenas aparece na sociedade como algo exótico, algo jocoso e fora do normal. Foi um ato de “confrontação” dos padrões ditos normais trazer esta narrativa, esta resistência, para o salão e para os jornais locais, já que esta exposição teve uma repercussão nos principais jornais da nossa cidade (Figura 5).



Figura 4: Registro da *performance* na noite da vernissage da exposição no CCBEU. Foto: Matheus Bento.



Figura 5: Edição do Jornal Diário do Pará, de 05/12/2017. Matéria sobre a participação do autor no XXVI Salão de Arte Primeiro Passos CCBEU-Belém.

Noites de Comércio Sexual na BR 316, Km 2 (Retratos: Kler, Paolete, Scarlet, Stefany e Tiffany)

Após as experimentações e vivências com a temática da disforia de gênero, não me bastava somente expressar o meu “eu”, como foco do estudo. Senti a necessidade de realmente conhecer e retratar as travestis e transexuais no cotidiano em nosso Estado. Escolhi o grupo de travestis/prostitutas da BR 316, Km 2, não apenas porque elas estão presentes no meu percurso casa-faculdade, mas também porque sempre ouvi falar sobre elas, ora eram pessoas perigosas e com doenças, ora eram

peças dignas de pena ou deboche. Uma coisa era certa: a imagem construída dessas pessoas ao longo da minha vida era uma visão repleta de negatividade.

Então, minha proposta naquele momento era de desconstruir essa imagem negativa da travesti – esse pensamento que as colocam como “coisas” e não pessoas. A intenção aqui é sensibilizar o outro, mostrá-las como pessoas e não como “criaturas da noite”, confinadas naquele espaço obscuro e clandestino da prostituição nas ruas. Para essa experiência, utilizei a metodologia de pesquisa etnográfica, realizando do trabalho de campo onde estive em contato com as travestis da BR 316, Km 2, em observação participante ao longo de três noites, em março de 2018.

A aproximação com as travestis ocorreu sem grandes dificuldades, porém, a maioria não aceitou participar do meu estudo, seja por vergonha ou por ainda não confiarem em mim (Figura 6). Nesse período, pude conhecê-las, saber das suas histórias e narrativas, que geralmente são de exclusões, tanto familiares quanto de trabalho ou de outros espaços da sociedade, a maioria delas não está ali por querer e sim porque uma série de fatores levou-as para essa situação. O medo por estarem ali vendendo o corpo sem nenhuma segurança era algo muito real, eu pude sentir o clima de tensão no ambiente, isso somado às narrativas de violência que sofreram reforçou o meu sentimento de querer aproximá-las do restante da sociedade.



Figura 6: O autor ao lado de Safira e Poliane, 2018.
Foto: Matheus Bento.

A partir das fotos das travestis, todas consentidas, eu realmente comecei fazer os retratos. Os seis se apresentam em suporte retangular (Figuras 7 e 8), nas dimensões de 90x60cm, na técnica mista de óleo e acrílica sobre tela, sendo o elemento visual predominante nas obras a mancha de cor. A composição dos retratos é uma composição clássica de retratos, com as figuras olhando de frente para os expectadores, sob o fundo carmim e tons de laranja e vermelho. Os retratos têm forte senso de reprodução fidedigna das modelos, na representação deste grupo social, suas roupas provocantes, os corpos com traços tanto masculinos quanto femininos, a maquiagem carregada etc.



Figura 6: Da esquerda para direita: Paolete, Safira, Stefanny. Foto do autor.



Figura 7: Da esquerda para a direita: Scarlet, Tiffany, Kler. Foto do autor.

Considerações finais

O artigo buscou contribuir para uma reflexão sobre o processo de pesquisa *em* Artes Visuais, como forma de resistência e confront(Ação) de uma realidade “castradora”, que busca controlar e padronizar as relações sociais e os modos de vida das pessoas na sociedade. Através do processo criativo *em* Arte e da produção autobiográfica é possível desenvolver uma reflexão crítica sobre – Corporalidade e Corporificação – produzindo uma forma de ruptura com certos tipos de pensamento/poder dominantes na sociedade local.

A Obra de Arte, como “campo fértil para a pesquisa e experimentação”, como nos aponta Sandra Rey (2002, p. 1), ela é um processo de formação e um processo no sentido de processamento, de formação de significados; ela é um elemento ativo na elaboração ou no deslocamento de significados já estabelecidos. Ela perturba o conhecimento e os padrões estabelecidos antes dela. E, neste sentido de causar inquietação, de instigar a reflexão e questionamentos, a minha produção vem para colocar essas questões sobre identidade de gênero. Com as novas possibilidades de ser e viver o corpo, a meu ver, é necessário repensar os papéis sociais: o masculino e o feminino, a fim de suprir as demandas que homens e mulheres reivindicam para termos uma sociedade mais justa e igualitária, sem as desigualdades sexistas entre gêneros ou as exclusões e violências que a comunidade LGBT vem sofrendo ao longo dos séculos. E um dos caminhos para que essa realidade seja revertida é através da reflexão e da produção artística e autobiográfica, entendendo essa produção como uma narrativa do autor, que se interliga com os grupos sociais do seu tempo.

Notas

¹ Agradeço a profa. Dra. Rosangela Britto (UFPA) pelos diálogos e orientações para elaboração desta comunicação e a leitura de Britto (2017).

² Etnografia é uma metodologia de pesquisa realizada no âmbito da antropologia, que requer a pesquisa de campo e a participação do pesquisador na condição de observador no campo, prática metodológica nomeada observação participante.

Referências

- ALMEIDA, Cláudia Zamboni de. *As relações arte/tecnologia no ensino da arte*. A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 71-84.
- AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas: Papirus, 1993
- AZEVEDO, Lais. A Vez dos Novos. *Diário do Pará*. Caderno Você. Belém, 5 dez. 2017, p. 1-2.

- BENTO, Berenice. Verônica Bolina e o transfeminicídio no Brasil. *Revista Cult*, n. 202, p. 30-33, 2015.
- BRITTO, Rosângela Marques de. 'Caçador de Mim': (Auto) Retrato de uma artista plástica e professora de artes visuais. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS: MEMÓRIAS E INVENTAÇÕES, 26 2017, Campinas. *Anais...* Campinas: ANPAP; PUC, 2017. p. 3517-3530.
- FIGUEIREDO, Adrianna. *Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem*. Pernambuco: UFPE, 20[?]. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Adrianna_Figueiredo_16.pdf> Acesso em: 18 maio, 2018.
- FREUD, Sigmund. (1919). *O estranho*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 271-318.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEAL, Carlos Eduardo. *O Espelho Transexual: o outro do outro e mais além*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. Disponível em: <<https://www.rocco.com.br/blog/o-espelho-transexual-o-outro-do-outro-e-mais-alem/>>. Acesso em: 18 maio, 2018.
- MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de F. Rodrigues. Corpo, Gênero e Sexualidade nas Práticas Escolares: um início de reflexão. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de F. Rodrigues (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 05-16.
- MEYER, Dagmar Estermann. Corpo, violência e educação: uma abordagem preliminar. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematização sobre a homofobia nas escolas*. Brasília, DF: Ministério Educação, 2009.
- OLIVEIRA, Éder. Portfólio Éder Oliveira. *Arteriais-Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, v. 3, n. 5, p. 13-34, 2017.
- PERES, Wiliam Siqueira. *Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas: Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira*. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematização sobre a homofobia nas escolas*. Brasília, DF: Ministério Educação, 2009.
- REY, Sandra. *Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes*. Disponível em: <http://adcon.mn.gov.br/ACERVO/CENA/DOC/DOC000000000046610.PDF>. Acesso em: 18 maio, 2018.
- ROSA, Graciema de Fátima. *O corpo feito cenário*. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de F. Rodrigues (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

Rafael Matheus Moreira Monteiro

Artista plástico, discente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará. Menção Honrosa (2016) e Terceiro Lugar (2017), no Salão Primeiros Passos do Centro Cultural Brasil Estados Unidos. Prêmio Expressão Artística (2018) da Fundação Cultural do Pará.